

dade de um rotolo (pouco mais de um quilo) de pão. Foi impossível fazer tal distribuição imediatamente porque os trabalhadores eram cem, e o pão em estoque não era suficiente. Então Don Gaetano disse ao meirinho que êle cumprisse as ordens dêle o mais rápido possível e que, se quando êle voltasse, algum trabalhador tivesse ficado sem pão, êle mataria o meirinho da mesma maneira que já havia eliminado dois outros meirinhos de outras propriedades. De Gaetano Vardarelli ao Prefeito de Atella: Eu, Gaetano Vardarelli, comando e ordeno-lhe que reúna todos os latifundiários da Comuna de Atella, e procure convencê-los de que êles devem permitir que os pobres fiquem com a respiga, do contrário vou esquentar o travesseiro dêles, e eu não estou brincando. Do mesmo, ao Prefeito de Foggia: Senhor Prefeito, o senhor fará a gentileza de, em meu nome, instruir todos os latifundiários para que parem de dar as respectivas respigas ao gado e para deixá-las para os pobres e, se êlcs se fizerem de surdos a esta minha ordem, queimarei tudo o que êles têm. Faça isso exatamente e eu o saúdo com estima e lhe digo que, se me disserem alguma queixa de que o senhor não cumpriu minhas ordens, a responsabilidade será tôda sua”.

Lembremos, para encerrar esta nota, que o Professor Erich J. Hobsbawn é autor, entre outras obras, de um importante estudo sôbre as revoluções da Europa no período de 1789 a 1848; esta obra não se encontra, infelizmente, traduzida (uma boa sugestão para as nossas editôras...) mas pode ser encontrada em espanhol num belo volume de Ediciones Guadarrama, Madrid, 1964, com o título *Las revoluciones burguesas*.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

*
* *
*

LAVENÈRE-WANDERLEY (Tenente-Brigadeiro Nelson Freire). — *Estratégia Militar e Desarmamento*. Biblioteca do Exército em convênio com Bloch Editôres. Rio de Janeiro. 1971 (*).

Aspecto significativo de que o Poder é o elemento predominante nas relações internacionais reside no fato de os Estados serem chamados Potências. Assim surge uma classificação própria segundo o grau de Poder que as nações apresentam no concerto internacional: Superpotências, Grandes, Médias e Pequenas Potências.

As primeiras ficaram caracterizadas após a II Guerra Mundial principalmente em virtude da esmagadora superioridade que adquiriram no campo militar com a posse do armamento nuclear e dos respectivos meios de lançamento e direção.

(*) . — Transcrito, com a devida permissão, da *Notícia Bibliográfica e Histórica*, Campinas, Ano IV, nº 32, abril de 1972.

Os sistemas bélicos nucleares são tão terrivelmente destruidores que criaram no mundo um clima psicológico de terror e o monopólio praticamente total de tais sistemas pelos Estados Unidos e a União Soviética acarretou-lhes o aumento desmedido do Poder Nacional que lhes fizeram merecer o superlativo super.

É, porém, da natureza do Poder a integração de todos os seus elementos constitutivos e, então, as Superpotências não o são apenas pelo valor nuclear que detêm. Acompanham-no outros elementos como, por exemplo, o avanço tecnológico superior, o poder econômico, a vastidão e a posição territorial e a expressão populacional.

As Grandes Potências, embora nem de longe possa igualar-se com os Estados Unidos e a União Soviética, possuem, cada qual, considerável Poder Nacional criado através de processos históricos elaborados que lhes permitiram acumular prestígio internacional, organização e economia sólidas, ponderável capacidade militar e disciplinada integração dos elementos do Poder. É a Europa que abriga a maioria das Grandes Potências tradicionais como a França, a Grã-Bretanha, a Alemanha e a Itália, sendo de assinalar, na Ásia, o Japão e a China continental.

Decrescendo em Poder Nacional há o grupo recente das Potências Médias no qual se incluem o Brasil, Argentina, México, outros países da América Latina, Canadá, Austrália, Índia e outros mais, em rápido processo de desenvolvimento que lhes propicia legítimas aspirações de em breve atingirem o *status* de Grandes Potências.

Finalmente as Pequenas Potências, que possuem fraco Poder Nacional seja por terem ingressado apenas recentemente na vida internacional; seja porque o limitado potencial de que dispõem não lhes permite maiores aspirações.

As relações de convivência entre os Estados constituem o que se chama de relações internacionais. Atualmente, novas pessoas de direito internacional incluem-se também no quadro das relações internacionais. São elas os organismos supra e supranacionais tais como a Organização das Nações Unidas (ONU), que procura agrupar a universalidade dos estados-nações, e a Organização dos Estados Americanos (OEA), de fins políticos, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), de fins militares, e o Mercado Comum Europeu (MCE), de fins econômicos, que grupam regionalmente vários países por razões de concordância de interesses.

O ilustre Brigadeiro Nelson Freire Lavenère-Wanderley, autor da obra *Estratégia militar e desarmamento*, fixou-se nas atividades supranacionais da ONU no campo dos assuntos que dão título ao livro. Entretanto, no tratamento das teses, mostra as atividades políticas das Potências, principalmente das supergrandes. Nesses trechos a leitura permite mostrar o realismo com que cada nação procura valer seus pontos-de-vista, interessados mais em melhorar a respectiva posição estratégica do que em procurar decisões justas sob critérios imparciais e de absoluta boa-fé.

Na primeira parte da obra o autor apresenta o arcabouço doutrinário em que se assenta a estratégia militar moderna fundamentalmente influenciada pelos avanços da ciência e da tecnologia e sua repercussão na composição do Poder Militar. Por isso, ao lado dos conceitos teóricos indispensáveis da doutrina, o tema desdobra-se em capítulos especiais referentes à estratégia nuclear, à utilização militar do espaço cósmico e do fundo dos mares e dos oceanos, e às armas de destruição maciça. Nesses últimos refere-se às resoluções da ONU que lhes dizem respeito.

Capítulos especiais são dedicados à guerra revolucionária e à estratégia do mundo atual.

A segunda parte é totalmente dedicada à evolução da tese do desarmamento dentro da Organização das Nações Unidas desde 1946 até os dias atuais salvo o capítulo que aborda o mais recente tema desarmamentista — as conversações sobre a limitação das armas estratégicas — que está sendo discutido fora daquela organização em termos de bilateralidade entre os Estados Unidos e a União Soviética.

Os capítulos que compõem esta segunda parte formam um quadro homogêneo do problema do desarmamento familiarizando o leitor com a dinâmica da elaboração dos diversos tratados que algum dia constituirão o elenco do direito positivo internacional que regularão o desarmamento mundial. Desde a apresentação da proposta inicial até a redação final e o depósito para assinaturas acontecem muitas discussões, emendas, substitutivos etc. O autor os descreve com a segurança de quem domina a matéria e de quem participou dos detalhes que relata. Vê-se neles o choque de interesses nacionais particulares e dos grupos ou blocos de nações.

Na terceira parte reuniu o Brigadeiro Lavenère-Wanderley os textos dos tratados discutidos no livro e muito útil cronologia dos acontecimentos mundiais referentes aos assuntos estudados.

Do que se vê, a obra *Estratégia militar e Desarmamento* é livro básico para quem queira compreender as relações de poder no mundo de hoje e seu estilo descritivo torna-a hábil para leigos e especialistas. Os interessados em assuntos internacionais podem inferir desde livro que a prática da política internacional conduz paulatinamente à normatividade do direito internacional, que os entrecosques de Poderes devem processar-se antes e durante a lenta elaboração dessa normatividade, a qual pode ser desprezada e rompida por atos de força, embora normalmente não convenham às Nações e às entidades supranacionais, que precisam regular suas atividades por acordos ostensivos ou tácitos.

Coronel WALDIR DA COSTA GOLDOPHIN

*

*

*